

Nos últimos 12 meses, encerrados em setembro, a economia brasileira apresentou uma retração de 4,4%, segundo o IBGE. Setorialmente tivemos uma retração de 3,2% em serviços; 5,4% na indústria e recuo de 5,6% na agropecuária.

A indústria de transformação retraiu 8% entre setembro de 2015 e 2016. No terceiro trimestre deste ano, os destaques negativos foram máquinas e equipamentos, indústria automotiva, produtos de metal e móveis.

Diante do desempenho desfavorável da indústria, o setor registrou perda de mais de 418 mil empregos formais entre outubro de 2015 e de 2016 no Brasil. Período em que o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) registrou a perda de mais de 1,5 milhão de empregos formais.

Na região do Grande ABC, no mesmo período, a indústria de transformação perdeu 12.770 empregos formais, segundo dados do CAGED/MTE, mantendo a trajetória de redução dos empregos, que perdura praticamente 5 anos. Entre 2012 e 2015, segundo dados da RAIS/MTE, o setor perdeu 49.709 empregos formais

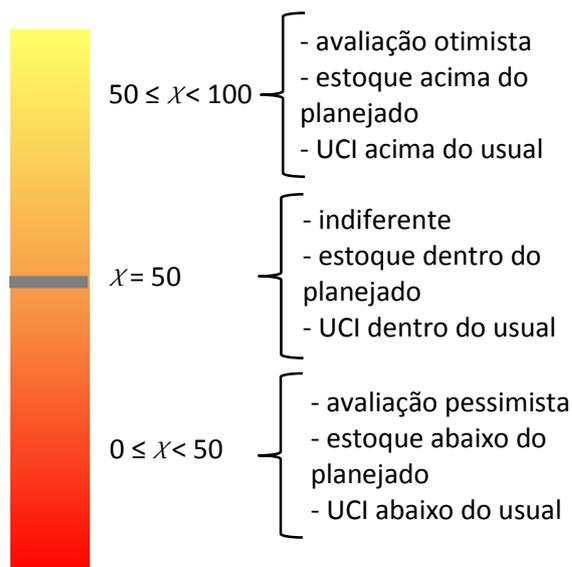
Se a recessão interna tem afetado negativamente o setor industrial da região, o setor externo não tem se mostrado uma porta para o escoamento da produção do setor em alta escala. Ainda assim, o saldo de comércio exterior de bens industrializados no Grande ABC neste ano melhorou significativamente em relação aos anos anteriores. Grande importador de bens industrializados, a retração econômica na região levou a queda na demanda por importações, que se somou a variações cambiais que tonaram as importações mais caras e ao ambiente mais volátil e incerto para as operações de comércio exterior.

O Índice de Confiança do Setor Industrial (ICEI), após apresentar uma pequena elevação entre junho e setembro, voltou a se estabilizar nos últimos dois meses. O que aponta para um comportamento de espera dos empresários do setor quanto à trajetória das políticas econômicas.

A Sondagem Industrial (SI) e o Índice de Confiança (ICEI) são elaborados e divulgados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) no estado paulista. A Universidade Metodista, por meio do Observatório Econômico, desde o segundo semestre de 2015, vem realizando a análise conjuntural da indústria do Grande ABC, em parceria com a CNI e FIESP.

O indicador para cada item questionado é formado a partir da ponderação pelas respectivas frequências relativas das respostas, que apresentam escores iguais a 0, 25, 50, 75 e 100.

Ao realizarmos a análise dos resultados da pesquisa, temos que considerar a seguinte regra, considerando o escore X:



Produção Industrial em queda no primeiro semestre

Nos três primeiros trimestres deste ano o PIB industrial apresentou uma retração de 4,65%, comparado a igual período do ano anterior, segundo o IBGE. A comparação entre o terceiro trimestre de 2013 e 2016 aponta uma retração do PIB industrial de 12,3%. Na mesma comparação, o subsetor da indústria de transformação é o que apresentou uma retração mais intensa, de 20,4%. Somente nos primeiros nove meses de 2016 a retração foi de 6,16%.

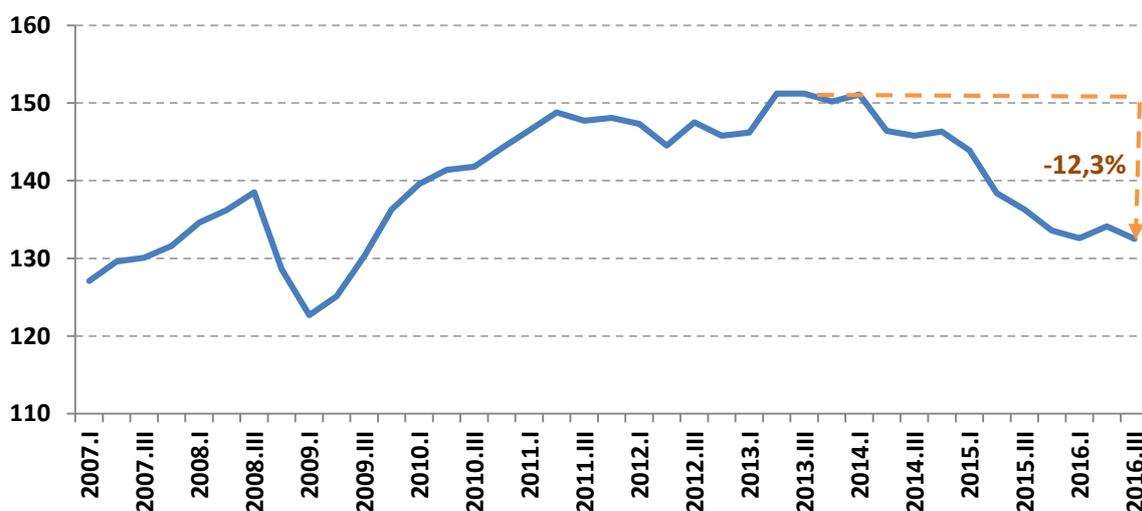
A produção mensal industrial corrobora a avaliação da retração do valor da produção no setor.

A queda na produção industrial no Brasil nos 12 meses encerrados em outubro foi 8,74%. No estado de São Paulo, no mesmo período, a retração foi de 7,98%.

A persistente redução da atividade industrial é um dos eixos da atual recessão econômica enfrentada pelo país. Com redução da demanda interna já em 2013 e 2014, a adoção de mecanismos de ajuste recessivo da economia nos períodos seguintes tem levado ao prolongamento da trajetória de queda da atividade produtiva no setor.

PIB Industrial

1995 = 100



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais /IBGE – série dessazonalizada

Sondagem Industrial – Região do Grande ABC

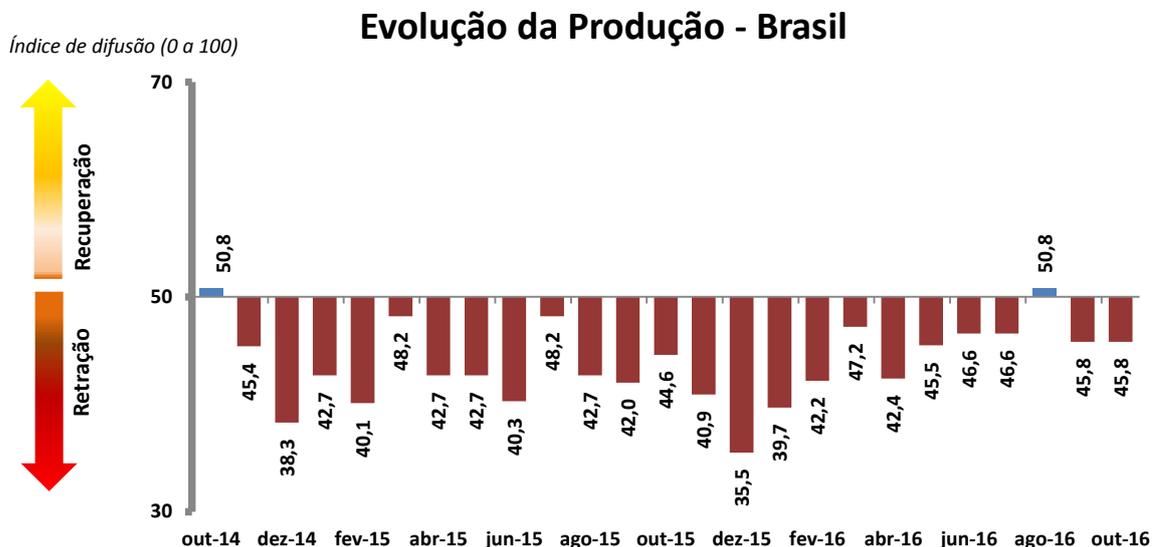
No Grande ABC, o terceiro trimestre de 2016 apresentou uma trajetória de declínio mais acentuado do volume de produção, seguido de pequena atenuação no mês de outubro.

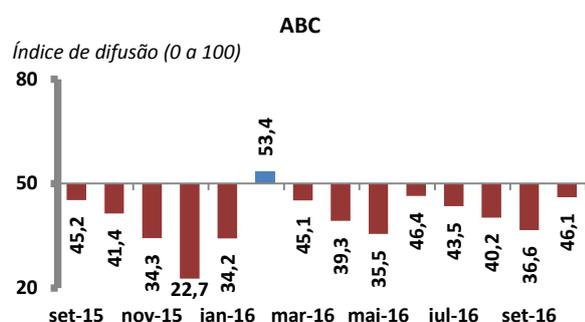
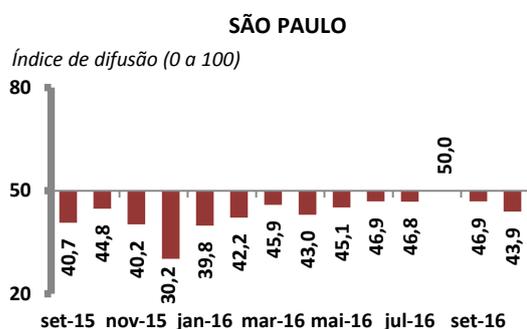
Comportamento bastante semelhante ao observado no entre março e julho. Essa trajetória de avaliação pessimista quanto à expansão do volume de produção no período destoa da trajetória de melhoria do índice de confiança dos gestores do setor industrial. Fato que já era esperado e que demonstra que as expectativas geradas em torno das mudanças de orientação da política econômica com a troca da equipe de governo não se traduziram em mudança no nível de atividade no setor industrial. Essas demandarão tempo, sendo necessárias

mudanças efetivas nas condições econômicas para estímulo a economia, o que de fato ainda não aconteceu.

O comportamento se mostrou diferente no Brasil e no estado de São Paulo. Ao menos desde o mês de julho vem se mostrando menos pessimista quanto à evolução da produção, comparado aos meses anteriores. O que não indica uma retomada do volume de produção, pelo contrário, haja vista a trajetória de retração apontada pela Pesquisa Mensal de Produção Industrial do IBGE, tanto em nível nacional como estadual.

De forma geral, os empresários do setor industrial permanecem pessimistas com relação à evolução da produção, com raros e isolados períodos de exceção, destacados em azul nos gráficos abaixo.



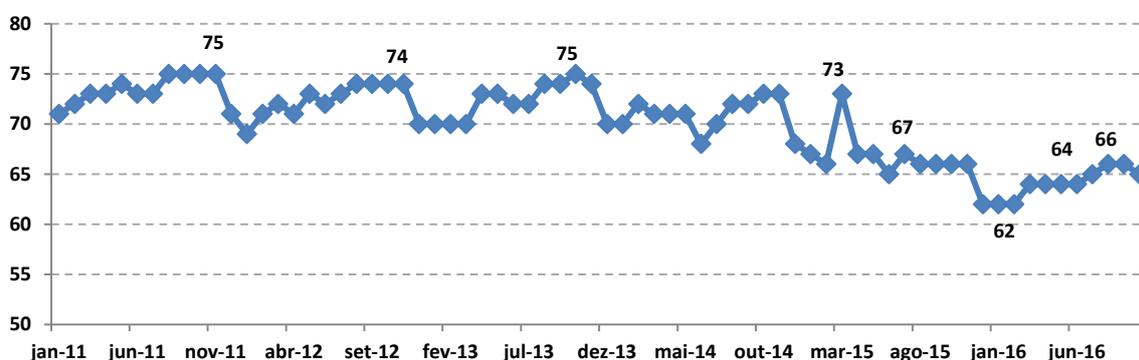


Sazonalmente, entre o primeiro e o terceiro trimestre o ano, o grau de utilização da capacidade instalada tende a se elevar em função da ampliação sazonal da produção. No ano anterior, o grau de utilização da capacidade instalada na indústria apresentou uma trajetória de queda entre o primeiro e o terceiro trimestre do ano, diferentemente dos anos anteriores.

Neste ano, o grau de utilização da capacidade instalada se elevou ao longo dos trimestres, retomando os ciclos sazonais. Comparado ao terceiro trimestre de 2015, há uma estabilidade na intensidade de utilização da capacidade produtiva da indústria, após uma série de anos de queda.

Atualmente a indústria nacional tem operado com cerca de 35% de ociosidade da capacidade produtiva, bastante superior ao terceiro trimestre de 2013, a partir de quando a indústria passou a registrar indicadores de recessão.

Utilização de Capacidade Instalada Brasil (em %)



Nas regiões Sudeste e no estado de São Paulo, o grau de utilização da capacidade instalada se mostra próximo àquele apresentado no plano nacional, também com uma tendência de estabilidade na comparação com o ano anterior.

Na região do GABC, o uso da capacidade instalada apresentou razoável recuperação entre o segundo e o terceiro trimestre do ano, especialmente no último mês de outubro. Ainda assim, a região trabalha atualmente com 40% de ociosidade.

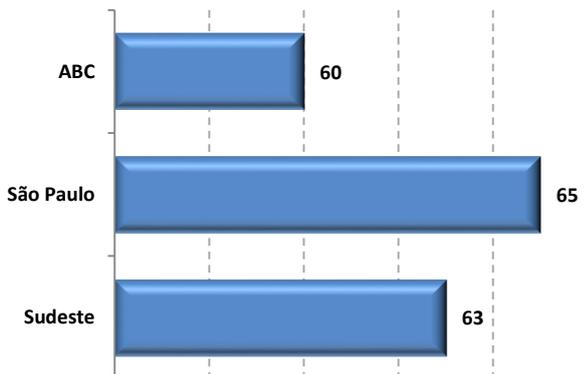
Diante desse quadro recessivo, a avaliação dos gestores industriais, quanto à evolução do número de empregados, mantém-se pessimista.

Ao longo deste ano, o ajuste realizado pelo setor industrial tem levado à redução dos estoques. Ainda assim, no terceiro trimestre do ano, os estoques nacionais têm se mostrado acima do planejado. Tanto no estado paulista quanto no Grande ABC esse movimento ocorreu em outubro.

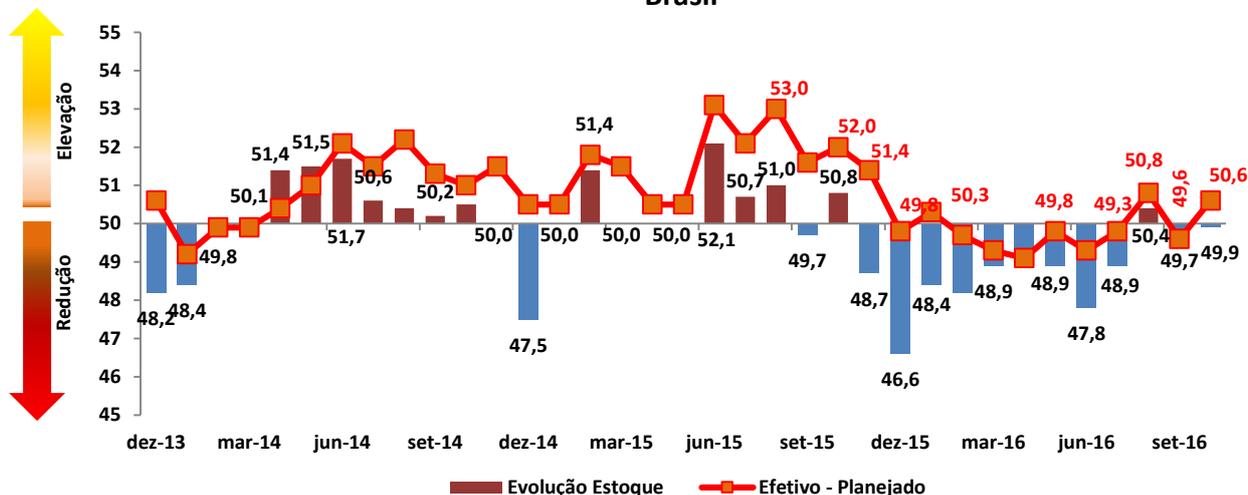
A ocorrência de estoques efetivos cima do planejado, mesmo com a redução dos estoques reflete a avaliação pessimista com relação à melhoria das vendas em curto prazo.

Diante disso, a redução dos estoques não é resultado do aquecimento nas vendas, mas sim de uma reprogramação da atividade produtiva, tendo em vista a retração econômica e as incertezas em relação à trajetória da atividade produtiva.

Utilização da Capacidade Instalada - setembro/2016 (%)



**Evolução dos Estoques Efetivos e sua comparação com o Planejado
Brasil**



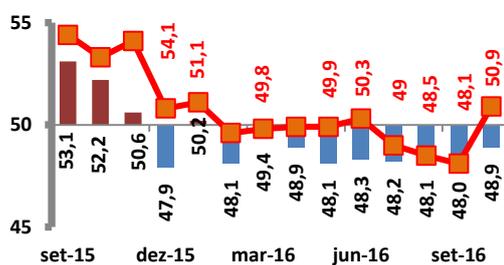
Desde o início de 2015 a Sondagem Industrial registra queda na intenção de investimentos para os próximos seis meses no Brasil. Reflexo da queda da produção, do aumento da capacidade ociosa e da incerteza com relação à trajetória da economia a médio e longo prazo.

A queda na intenção de investimento também tem sido observada junto às indústrias da região Sudeste, do estado de São Paulo e o Grande ABC.

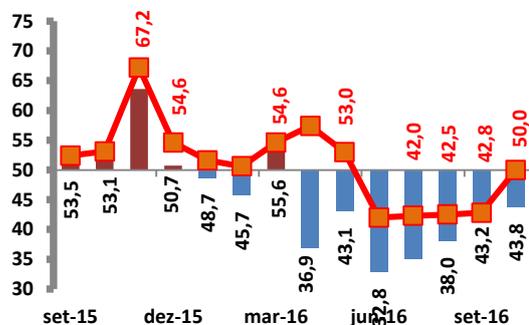
A queda no nível de investimento é um dos principais desafios a serem superados na economia atual. Nos 12 meses encerrados no terceiro trimestre deste ano, o volume de investimento (Formação Bruta de Capital Fixo) diminuiu 13,5%. No terceiro trimestre deste ano a taxa de investimento foi de 16,5% do PIB.

Na região do Grande ABC também houve queda na intenção de investimentos nos últimos meses. A redução no fluxo de investimentos leva ao engessamento da capacidade de produção, que tem se mostrado subutilizada na indústria, comprometendo a capacidade de crescimento da

SÃO PAULO



ABC

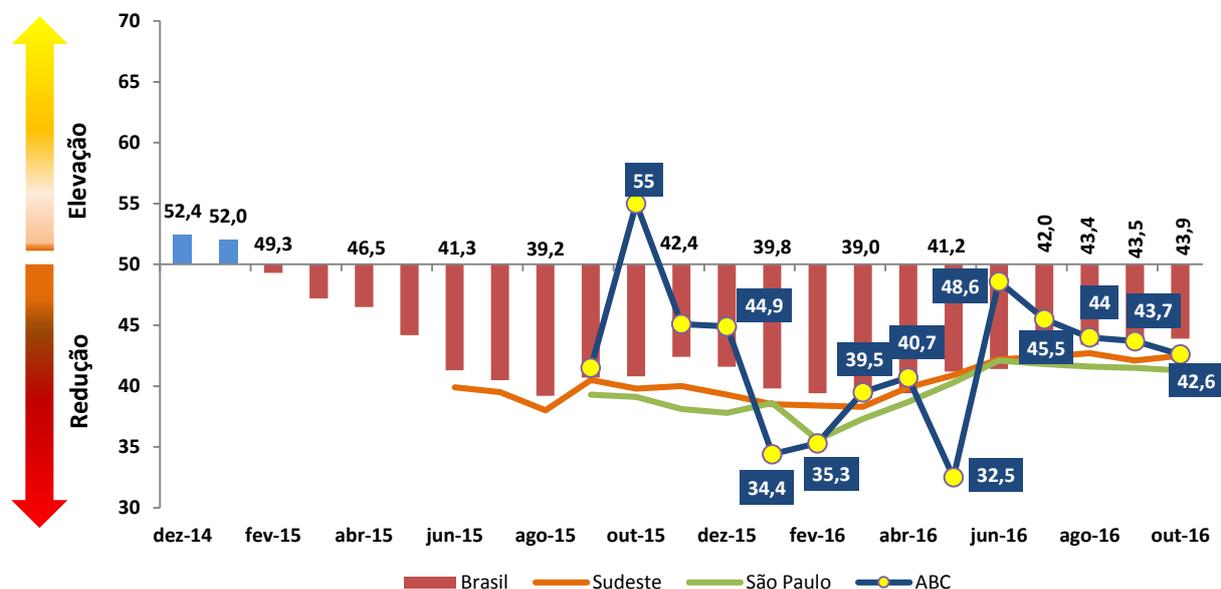


economia a médio e longo prazo no setor e na economia.

A retomada do fluxo de investimento no setor está intimamente ligada à retomada da atividade produtiva e à melhoria do horizonte de médio prazo. Neste sentido, parece que a definição do quadro

político, bem como da trajetória da política econômica, tem um papel chave. De forma mais específica, mas não desassociada, a adoção de políticas industriais que deem suporte ao desenvolvimento do setor é essencial.

Intenção de Investimento pela Indústria



A melhoria das expectativas dos empresários do setor para os próximos meses tem sido um dado positivo nos últimos meses.

Tanto a nível nacional como regional, os empresários têm se mostrado mais otimistas, ainda que esta não tenha se consolidado em melhorias efetivas no desempenho do setor industrial, como apontado por alguns indicadores pontuados nos parágrafos anteriores.

Na região do Grande ABC os gestores industriais apontam uma perspectiva de aumento da demanda e consecutivamente de compras de

matérias-primas para os próximos seis meses, convergente com a melhora da confiança do empresário local em relação ao ambiente econômico e ao desempenho da empresa. Esse comportamento destoa dos indicadores observados em nível nacional, os quais no terceiro trimestre apresentaram uma redução das perspectivas de melhora de demanda, mesmo com a melhora do índice de confiança dos empresários.

As perspectivas com relação à evolução do número de empregados mostram-se menos pessimistas na região, que tem apresentado redução de postos de trabalho nos últimos anos. Com relação ao mercado externo, as perspectivas com relação à

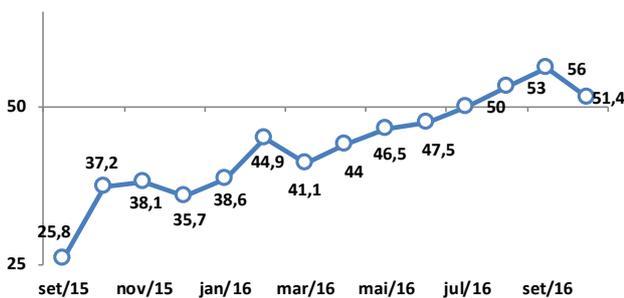
melhora no nível de exportações mostram-se menos otimistas na região nos últimos meses, o mesmo também é observado em nível nacional e estadual.

Comparativamente ao primeiro semestre deste ano, de forma geral, os gestores industriais

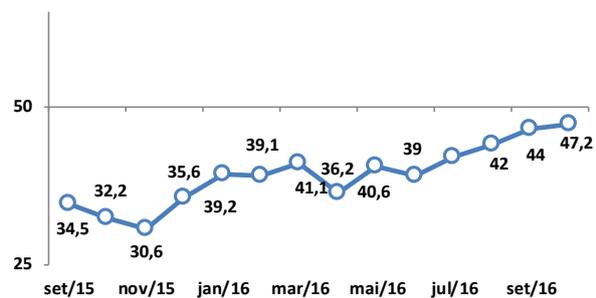
apontaram perspectivas mais favoráveis para o setor nos próximos meses, especialmente no que tange a melhoria da demanda, que tem impacto imediato sobre o nível de atividade.

Região do GABC Perspectivas do Setor Industrial para os próximos 6 meses

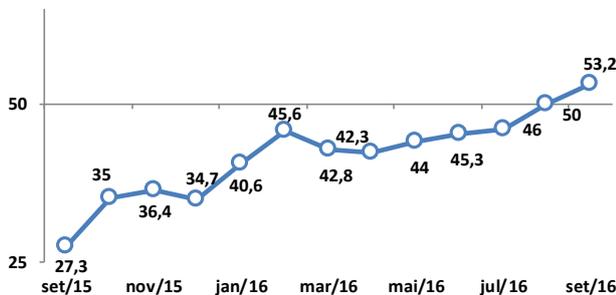
Evolução de Demanda



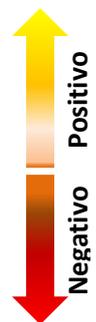
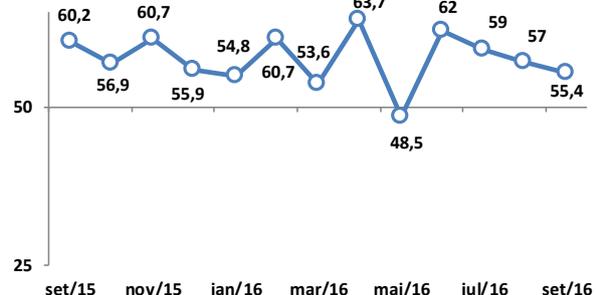
Evolução do número de empregados



Evolução das compras de matéria prima



Evolução da quantidade exportada



Com relação à condição financeira das empresas do setor, os indicadores da Sondagem Industrial permanecem apontando condições desfavoráveis segundo avaliação dos gestores do setor, no que tange à margem de lucro, ao acesso ao crédito e à situação financeira das empresas.

Comparativamente aos resultados observados em dezembro de 2015, houve melhora na avaliação

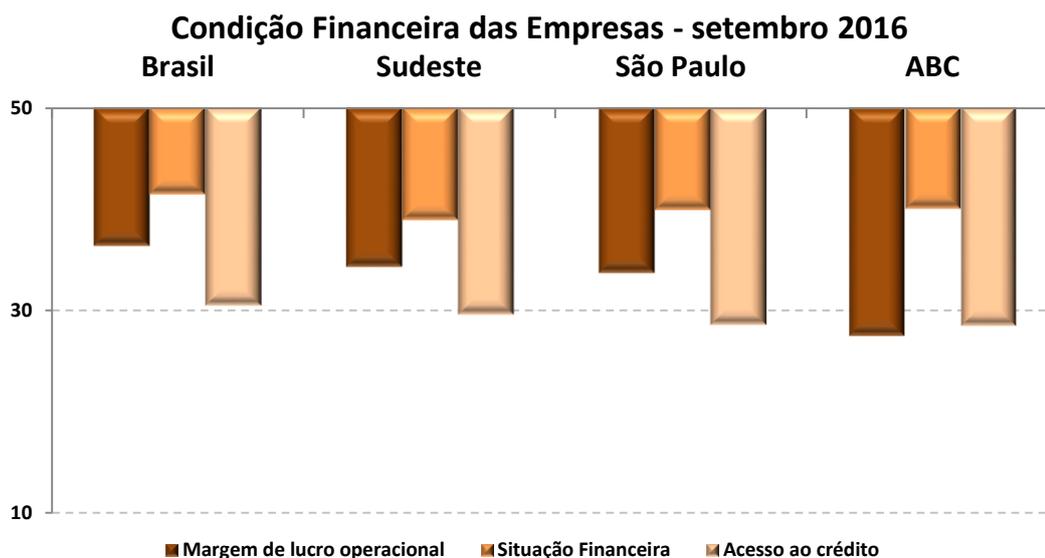
das condições financeiras das empresas em setembro de 2016, observado em todos os recortes espaciais, apresentados a seguir.

Chama a atenção nesta comparação uma pequena piora na avaliação das condições de acesso ao crédito pontuados pelas empresas no recorte regional do Sudeste, bem como na avaliação da margem de lucro nas empresas do Grande ABC.

No cenário nacional, as condições de acesso ao crédito têm sido afetadas pela contração da política monetária com redução da disponibilidade de crédito.

As margens de lucro têm sido exprimidas pela combinação do aumento do custo de produção ligado

a preços administrados como energia e à queda da demanda que dificulta o repasse destes ao preço final do produto.



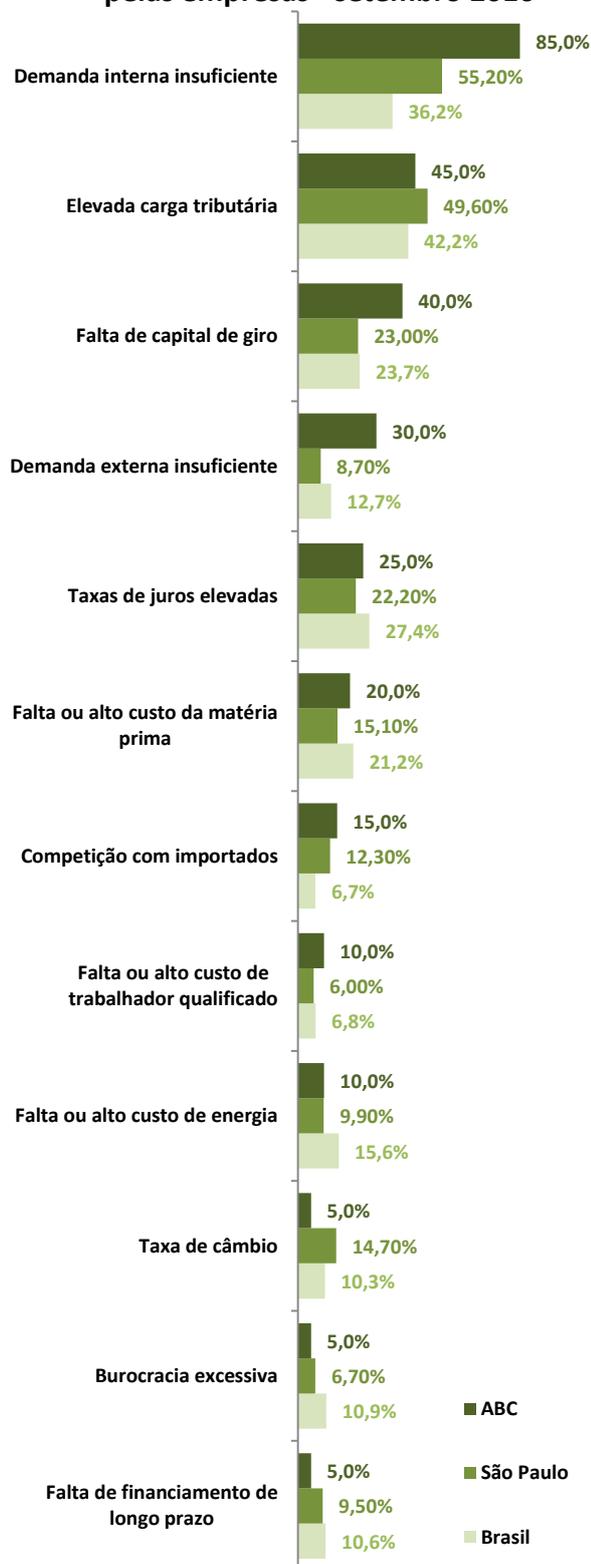
A avaliação das condições da margem de lucro das indústrias da região do GABC, realizadas pelos seus gestores no terceiro trimestre de 2016, mostrou-se menos favorável em relação aos resultados nacional e estadual.

Este se deve, em grande parte, à queda da atividade econômica do setor que apresenta significativa presença na dinâmica econômica do Grande ABC.

Como citado no Boletim IndústriABC anterior, as perspectivas de melhora da condição financeira das empresas estão atreladas a melhora da atividade produtiva. Para tanto, é nítida a necessidade de melhora macroeconômica, da construção de uma agenda progressiva para fomentar o aumento da competitividade do setor

industrial brasileiro e da solidificação de uma política microeconômica setorial eficaz.

Principais problemas enfrentados pelas empresas - setembro 2016



Os principais problemas apontados pelas empresas da região do GABC que afetaram suas operações no terceiro trimestre de 2016 foram a falta de demanda interna, seguido da repetida reclamação sobre a elevada carga tributária, da falta de capital de giro, que sempre se tornam mais críticos em períodos de elevação dos custos (inflação ao produtor) e retração de receita por conta da redução nas vendas.

Em nível nacional e estadual, os principais problemas apontados continuam sendo a falta de demanda interna e a elevada carga tributária.

A falta de demanda externa foi apontada com maior intensidade pelos gestores industriais do Grande ABC em setembro, comparativamente aos meses anteriores e a frequência registrada em nível nacional e estadual.

A rápida desvalorização do real em 2015 gerou expectativas junto aos segmentos

exportadores que começaram a ser frustradas com a revalorização do real ao longo deste ano. A intensa flutuação da taxa de câmbio, ocorrida em um breve espaço de tempo inibe as decisões dos empreendedores e os fazem atuar com maior cautela.

Além da taxa de juros elevada, cuja média situa-se 30,4% a.a. para pessoa jurídica segundo o Banco Central, o custo da matéria-prima é outro problema apontado pelos empresários do setor. A inflação acumulada nos 12 meses encerrados em outubro foi de 8,4% (IPA/FGV).

Questões como competição com importados, disponibilidade de trabalhador qualificado, taxa de câmbio e outros também são apontados como alguns dos galgos presentes no setor industrial.

Indicadores de Confiança da Indústria

Diferentemente dos períodos anteriores, os gestores da região do Grande ABC apresentam um Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) maior que aquele declarado em nível estadual e nacional.

Entre o segundo e o terceiro trimestre deste ano, o ICEI geral apresentou significativa melhora Grande ABC, superando a evolução do indicador observada também no Brasil e no estado de São Paulo. Os fatores que mais influenciaram essa trajetória foram as melhorias na avaliação das condições da economia e das expectativas para os próximos períodos.

As alterações mais intensas nas avaliações realizadas no Grande ABC sugerem o impacto da concentração industrial na região, bem como a reversão das expectativas em uma região que vem sofrendo com a deterioração do nível de atividade industrial há mais tempo que a média nacional e de forma intensa.

As alterações no cenário político e suas repercussões sobre as expectativas em torno política econômica nacional/regional são fatores que levaram a melhoria do ICEI.

Indicador de Confiança da Indústria – nov./2016

	Brasil	Sudeste	São Paulo	GABC
ICEI	51,7	49,2	51,1	53,9
Indicador de Condições	43,8	41,8	44,2	42,5
Indicador de Expectativas	55,8	53,0	54,7	59,6
Condições da Economia	42,4	41,0	44,0	46,1
Condições da Empresa	44,5	42,1	44,1	40,8
Expectativas da Economia Brasileira	53,1	51,1	53,4	59,7
Expectativas da Empresa	57,2	54,1	55,4	60,5

No Grande ABC também houve melhora no indicador de confiança das condições da empresa e das expectativas sobre as mesmas, que pode ser observado também nas expectativas para os próximos seis meses quanto à evolução da demanda, compra de matéria-prima, entre outros.

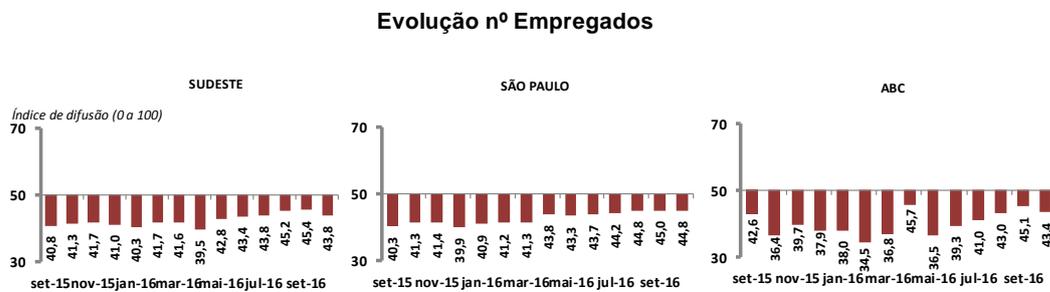
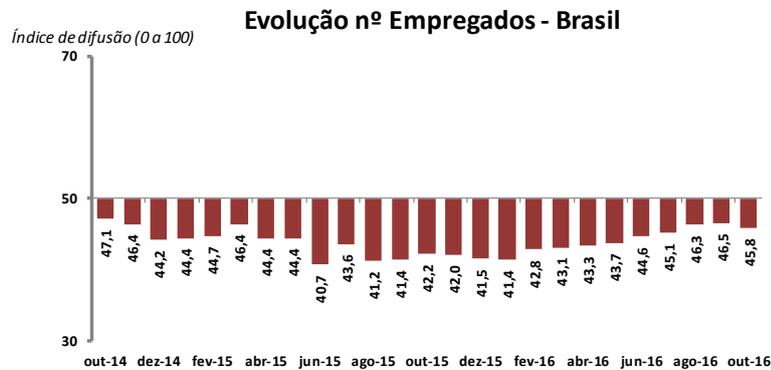
Entretanto, essa melhora no índice de confiança e das perspectivas para os próximos meses não se constituíram em mudanças no ritmo de atividade do setor, que continua apresentando queda no volume de produção, redução de postos de trabalho, elevado nível de ociosidade, redução na intenção de investimentos, entre outros.

Há um distanciamento significativo na economia entre a formação das expectativas

positivas e a alteração das decisões efetivas na economia. Embora as decisões sejam influenciadas pelas expectativas com relação aos períodos seguintes, há outros elementos que dão sustentação e são fundamentais para a alteração das decisões que levam ao aumento da atividade produtiva, especialmente em momentos de retração econômica, como o que estamos vivendo.

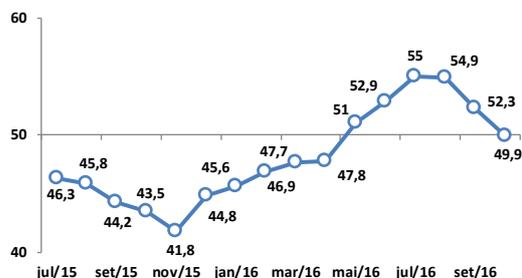
As expectativas ainda dependem do atual momento das reorientações promovidas pela política de ajuste macroeconômico do governo federal.

ANEXO

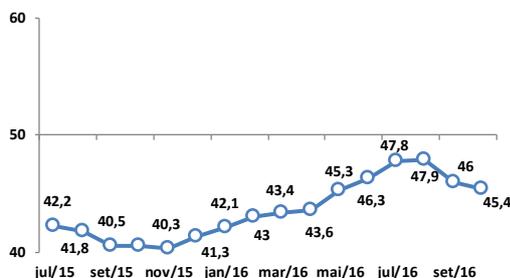


BRASIL
Perspectivas do Setor Industrial

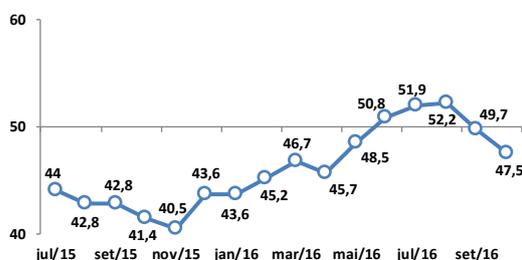
Evolução de Demanda



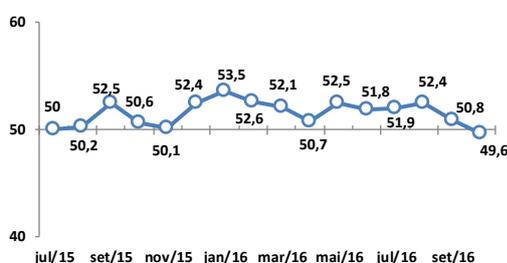
Evolução do número de empregados



Evolução das compras de matéria prima



Evolução da quantidade exportada



Universidade Metodista de São Paulo
Escola de Gestão e Direito
Curso de Ciências Econômicas
Observatório Econômico

Reitor

Dr. Fabio Botelho Josgrilberg

Diretor da Escola de Gestão e Direito

Dr. Fúlvio Cristofoli

Coord. do Curso de Ciências Econômicas

Ma. Silvia Cristina da Silva Okabayashi

Coordenador de Estudos

Me. Sandro Renato Maskio

Professor Pesquisador

Dr. Moisés Pais dos Santos

Estagiário

Anderson Thiago dos Santos



BOLETIM

Ano II - Dezembro/2016

IndústriaABC

Região do Grande ABC / SP

[URL: http://www.metodista.br/observatorio-economico](http://www.metodista.br/observatorio-economico)



A serviço do desenvolvimento do Grande ABC.

Patrocine esta iniciativa!

E-mail: observatorio.economico@metodista.br

Tel: 4366-5035